



In Memoriam

Stephen R. Stoer (1943-2005) Um Cidadão do Mundo*

Faleceu no último dia do ano de 2005, na sua cidade de adopção, o Porto, Stephen Ronald Stoer, professor catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, onde desempenhava(ra) as mais marcantes responsabilidades académicas e científicas: coordenador do Centro de Investigação e Intervenção Educativas, director da revista *Educação Sociedade & Culturas*, coordenador do Gabinete de Pós-Graduações e Coordenador de Grupo de Ciências da Educação, que criou e expandiu de forma a torná-lo uma referência nos planos nacional e internacional.

Filho de pai norte-americano que, como soldado, participou no desembarque da Normandia na Segunda Guerra Mundial, e de mãe inglesa, Steve Stoer nasceu em Inglaterra mas cresceu e viveu a sua juventude nos EUA. Mobilizado para o Exército americano em plena Guerra do Vietnam, adoptou o estatuto de objector de consciência, o que lhe valeu os mais violentos castigos e punições morais e físicas durante o serviço militar. Apesar da sua condição de objector de consciência, é mobilizado para o Vietnam, o que o obriga a desertar do Exército e a refugiar-se, primeiro, no Canadá e depois em Londres, onde recupera a sua cidadania inglesa.

Em Londres, participa activamente nos movimentos pacifistas e, abandonando os estudos anteriores iniciados nos EUA em Gestão de Empresas, frequenta e licencia-se na Universidade de Londres em Ciências da Educação, onde também realiza na mesma área o seu *master*. Em Londres conhece uma portuguesa, militante activa contra a ditadura salazarista-marcelista, o que lhe permite conhecer e integrar-se nos círculos oposicionistas ao regime português. Após a

Revolução do 25 de Abril conhece Portugal e acaba por se fixar no nosso país, trabalhando em instituições como o Instituto Aurélio da Costa Ferreira, a Escola do Magistério Primário de Faro ou o Instituto Superior de Ciências da Trabalho e Empresa (ISCTE), acabando por se fixar no início dos anos 80 na cidade (e Universidade) que adoptou para viver e trabalhar, o Porto, e lhe permite adoptar então a sua terceira nacionalidade, a portuguesa. Ao mesmo tempo, prossegue os seus estudos em Inglaterra, doutorando-se em 1983 na Open University, apresentando uma tese sobre Portugal (*Educação e Mudança Social em Portugal, 1970-1980*, Afrontamento, 1986), sob a direcção de um grande sociólogo inglês (e amigo), Roger Dale.

Em todos os balanços que se fazem sobre o “estado da arte” das ciências da educação em Portugal, há unanimidade no reconhecimento de que Steve Stoer iniciou e foi/é o mais original e produtivo investigador no campo da sociologia das políticas educativas, iniciando um conjunto de problemas novos (ou menos analisados em Portugal): nos anos 80, sobre o papel do Estado nacional em contexto de mudança social; mais tarde, sobre o papel da educação básica e das suas relações com o trabalho em contexto semiperiférico; logo depois, ampliando a reflexão sobre a construção da *escola democrática*; e, mais recentemente, sobre as políticas inter/multiculturais, sobre os movimentos de transnacionalização e europeização da educação e sobre os novos mandatos da “nova classe média” atribuídos aos sistemas educativos. Como se pode ver pelo resumo da sua obra publicada, insere no final, Steve Stoer valorizava muito o trabalho científico em equipa, procurando valorizar (e dar visibilidade) a todos quantos com ele trabalhavam.

Steve Stoer era um *scholar*, no sentido que a língua inglesa atribui a esse vocábulo (dos

*Publicado em *Jornal de Letras – Educação*, ano XXV, nº 921, p. 7

dicionários: *erudito, sábio, pessoa que possui grandes conhecimentos; letrado, intelectual, humanista*). Mas era também um cidadão do mundo, solidário e cosmopolita, empenhado na acção social, sempre disponível para juntar acção e reflexão, nunca se fechando nas paredes da academia. Colaborador regular da FENPROF e dos sindicatos dos professores que a constituem, responsável por uma secção de *A Página da Educação*, participou em alguns dos debates públicos mais marcantes sobre o papel das Ciências da Educação nas políticas educativas, nomeadamente nas páginas do diário *Público*, com textos onde analisou criticamente os discursos de *opinion makers* como Filomena Mónica ou José Manuel Fernandes. Participante em diferentes edições do Fórum Social Mundial, foi o

conferencista convidado para a abertura do 1º Fórum Mundial de Educação realizado em Porto Alegre, Brasil, em 2001. Membro de diversas associações científicas e cívicas, foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e um dos impulsionadores e fundadores do Instituto Paulo Freire de Portugal

A universidade, a comunidade das ciências da Educação e os professores ficaram mais pobres ao perderem um dos seus melhores. Fica de Steve Stoer o seu exemplo de cientista social e de professor rigoroso e sabedor, sensível e solidário, empenhado em todas as lutas pela emancipação social e por uma educação crítica e libertadora.

António Teodoro

Perda Irreparável

Meu caro Stoer,

Não sei por que mefistofélica ou divina coincidência, eu estava no mesmo ponto da rodovia entre Uberaba e São Paulo e exactamente no mesmo sentido, em que ouvi, pela primeira vez, o maravilhoso CD que você me presenteara, quando tive a notícia do seu falecimento. Quedei-me tão transtornado que o silêncio foi tão forte que doeu em meus ouvidos.

Abriu-se-me, então, espaço para saudosas lembranças: sua elegante e esguia figura que me lembrava sempre Clint Eastwood, no melhor de suas *performances* cavalheirescas; sua gentileza, compartilhada com Fernanda e David, em me receber em sua casa, oferecerem-me um almoço inesquecível, apresentaram-me com um maravilhoso livro sobre António Nobre, levar-me até à pedra em que este gigantesco poeta lusitano teve um poema eternizado e ainda conduzir-me, em sua “carrinha”, do Porto até Braga.

Destes felizes incidentes tenho fotos. Não que fosse apagá-los do registro indelével de nossa memória, mas eu não queria que outros deixassem de usufruir o que considero, para mim, momentos de mágico privilégio.

Estimado Steve, Stephen ou Stoer – talvez, Estêvão, já que você, na sua aventureira trajetória de vida, teve tantas (merecidas) cidadanias –, recordo-me bem do dia em que fui apresentado a você, embora o conhecesse antes, pelos brilhantes textos: aquele homem alto, com um andar de *cowboy*, que trazia na fisionomia um sorriso gentil, quase infantil, que destoava da possível sugestão de dureza. Não vou me esquecer da primeira impressão. Não me esquecerei tampouco da solenidade de homenagem a Luiza Cortesão, realizada em Los Angeles, quando você colocou todo seu talento a serviço da reconstrução da trajetória de uma de suas mais importantes companhias intelectuais, com

a qual você trilhara tantos conceitos pedagógicos, sem cair nos encômios gratuitos, próprios das amizades incondicionais. Nem me esquecerei também, meu caro Steve, da discussão que mantivemos no Seminário Internacional promovido pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), em São Paulo. A elegância de suas contestações a algumas das ideias que defendíamos levou-nos a rever várias delas. Afinal, a tranquilidade de suas posições não deixou de provocar minha admiração de aprendiz. Ao término da sessão de que participámos, caminhámos, com você, pelas ruas movimentadas desta megalópolis latino-americana, em direção ao hotel em que você se hospedara, sorvendo mais um pouco de sua doce sabedoria, compreendendo um pouco mais como podemos ser firmes em nossas concepções, sem jamais perder a ternura.

Sabe Steve? Como membro do Conselho Universitário da UNINOVE, tive de relatar um processo da área de saúde, cujo objecto era a doença celíaca. Somente a partir dos estudos que realizei para elaborar o parecer no processo é que pude aquilatar a dimensão de sua luta contra a ingestão de glúten, que pode estar escondido no mais prosaico molho de *Ketchup*. Mas, caríssimo Steve, nem você nem nós, seus amigos, podíamos suspeitar que lhe espreitava uma ameaça mais grave, que você seria, mais uma vez, surpreendido por um destino inexorável, ou, como diria Marx, pelas circunstâncias. De facto, somos sujeitos de nossos próprios projectos de vida... Contudo, sempre dentro das circunstâncias. Algumas delas, porém, por mais conscientizadas que estejam em nosso processo de decisão, são tão poderosas que não adianta construir os diques, com nossa *virtù*, para conter as trapaças da *fortuna*, como dizia Maquiavel. Como o César Bórgia do escritor florentino, você tombou diante da força gigantesca da fortuna, que agiu por meio de um instrumento avassalador. Por mais que você lutasse – e como lutou, como pude testemunhar no último encontro que tivemos, no lançamento de seu livro e de Magalhães, na Universidade do Porto – o infortúnio era mais forte que qualquer força

humana. Diferentemente de quando você, Fernanda e David superaram juntos a tragédia que atingiu este último, esgotaram-se, certamente, as forças que você reuniu para que o filho de sua companheira recuperasse o sentido da vida, por mais que isto significasse abandonar um projecto de uma perspectiva de uma terceira idade tranquila.

Querido Steve – e penso que posso chamá-lo assim, já que não o teremos mais entre nós e o querer tê-lo torna-o muito querido entre nós –, onde quer que você esteja, saiba que muito me honrou preficiar um livro seu e de seu outro parceiro intelectual, António M. Magalhães... Saiba que esta minha participação em sua obra foi uma das que mais enriqueceram meu *currículum*, especialmente pelo que aprendi com a leitura cuidadosa que tive de fazer de sua obra. O debate que tivéramos, em Lisboa, sobre temas correlatos, ao lado de António Teodoro, Michel Wiewiorka e do próprio António Magalhães, convenceu-me de que, dos países de tradição imperial, nem sempre vêm os conquistadores, mas, muitas vezes, esforçados aliados da descolonização epistemológica. As matrizes analíticas que você e Magalhães me emprestaram abriram-me os olhos para os *loci da enunciação*, fazendo-me superar a resistência dura que eu já manifestara a Mário Soares, no mesmo palco de debates da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa.

Estimadíssimo Steve – retomo aqui o modo carinhoso com que você me tratava nos *e-mails*, em que combinávamos, entusiasmados, a edição brasileira de seu livro e de Magalhães –, sei que não poderemos mais contar com sua talentosa contribuição para os desafios teóricos que temos pela frente, mas tenho a certeza de que ao “levantarmos a pedra” dos parágrafos densos de seus textos, encontraremos debaixo, as pistas das alternativas para nossas perplexidades.

Por tudo isso, muito obrigado.

São Paulo, 5 de janeiro de 2006.

José Eustáquio Romão